**O PONTIFICADO DE FRANCISCO E A IGREJA DOS POBRES.**

**Ir. Fábio Pereira Feitosa s.v[[1]](#footnote-1)**

**Francisco, Reconstrói a minha Igreja.**

O ano de 2013 sem dúvidas entrou para a história da Igreja como um ano atípico, considerando dois fatos que ocorreram nele: a renúncia papal de Bento XVI. Em seguida, tivemos a escolha do Cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio para ser o novo sucessor de Pedro. Sem dúvidas, estes dois eventos fizeram de 2013 um ano singular para a história e para a eclesiologia.

Ao voltarmos o nosso olhar para o contexto pós renúncia papal de Bento XVI, iremos notar que o mesmo foi marcado pela instauração de um clima de suspense, de incertezas no qual tivemos a formulação das mais variadas hipóteses sobre os rumos da Igreja a partir daquele acontecimento, que pegou não apenas o mundo católico de surpresa.

No dia 13 de março de 2013, após muita expectativa na noite daquele dia às 19h:00 do horário local, a multidão ouviu os sinos e viu a fumaça branca saindo pela chaminé, que juntos anunciavam que o novo Papa havia sido eleito. A Cátedra de Pedro já não estava mais vaga, um novo Bispo de Roma estava prestes assumi-la, mas, ninguém imaginava o que estava por vir.

Por diferentes razões o sucessor de Bento XVI já assumiu o seu pontificado entrando para a história, considerando ser ele o primeiro Papa de Origem latino-americana, o primeiro a substituir um Santo Padre ainda vivo. Estas não foram as únicas inovações trazidas por ele, o seu nome também representou uma novidade, considerando ser ele o primeiro Papa a chamar-se Francisco. Mas o que a escolha deste nome representaria? Seria o indicio de que a Igreja trilharia efetivamente os caminhos que a conduziria a ser uma Igreja pobre para os pobres? Significaria uma Igreja mais engajada com as questões ambientais e sociais? Representaria um retorno ao aggiornarmento iniciado por João XXIII? Ou quem sabe ainda a escolha deste nome representaria um resumo de todas estas questões e tantas outras que poderiam ser resumidas em uma frase dita a um outro Francisco: “Francisco, reconstrói a minha Igreja!”.

O Papa Francisco foi o primeiro Papa formado no espírito do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), como observou Passos (2018, p.45): “Francisco é o primeiro papa filho da era conciliar. Os demais papas que vieram depois do grande sínodo, foram formados na fase anterior dento das referências do Vaticano I; viveram, portanto, de alguma forma e com alguma intensidade, as duas fases que compõem a Igreja desde aquele epicentro renovador.”

Embora o Vaticano II tenha sido um evento global, foi sobretudo na América Latina que as suas diretrizes encontraram solos férteis e desta maneira suscitaram o surgimento de novas formas de eclesialidade, Bergoglio foi formado neste rico contexto histórico, teológico e social no qual a Igreja se mantendo fiel as suas raízes evangélicas e impulsionada pelo Vaticano II buscava constantemente ouvir os clamores do povo e estar junto dele, mesmo quando isso representava algum risco.

Desde os primeiros momentos de seu pontificado, Francisco demonstrou ao mundo que este seria marcado pela simplicidade, pelo diálogo e pelo cuidado com os mais pobres. Em suma, Francisco com seus gestos demonstrava que sob seu pastoreio a Igreja retornaria às suas origens evangélicas e por consequência entraria em uma nova fase de sua evangelização, cujo resultado principal seria o estabelecimento de uma Igreja em saída, como ficou claro na Exortação Apostólica Evangelii Guadium, primeiro documento de seu pontificado.

A chegada de Francisco à Cátedra de São Pedro representou um reavivamento do Espírito conciliar, tão arrefecido ao longo dos anos. Por outro lado, despertou a ira daqueles que se colocam contra a renovação da Igreja e a identificam como sendo uma quebra com a sua Tradição.

**Francisco e a Igreja dos Pobres.**

É possível identificar no pontificado de Francisco diversos fatores que evidenciam o seu comprometimento com a aplicação e a efetivação das diretrizes conciliares, entre os quais podemos destacar: O seu empenho com os mais pobres, com o processo de sinodalidade e com a reforma da Cúria Romana.

O Papa Francisco, constantemente nos adverte sobre a necessidade de cuidar dos mais pobres e vulneráveis de nossa sociedade, tal preocupação, faz com que autores como Aquino Júnior (2018, p.21) perceba que a centralidade dada por Francisco aos mais pobres em seu pontificado é a característica e o aspecto mais marcante do ministério pastoral de Francisco:

A característica mais importante e mais determinante do ministério pastoral de Francisco como bispo de Roma é sua insistência teológico-pastoral na centralidade dos pobres e marginalizados de todas as pessoas que sofrem na vida e missão da Igreja. Eles estão no coração da Igreja e marcam radical e definitivamente sua identidade e sua missão no mundo. A tal ponto que ela se constitui como “Igreja pobre para os pobres” ou “Igreja em saída para as periferias.

Antes de abordarmos o tema conciliar Igreja dos Pobres, recuperado por Francisco, vamos refletir um pouco acerca da pobreza, para assim percebermos que esta preocupação de Francisco, é na verdade uma preocupação da Igreja e faz parte de sua Tradição, mas que infelizmente muitas vezes é deixada de lado e até mesmo esquecida.

O Tema pobreza já foi largamente estudada e defendida por diferentes autores e santos ao longo da história e a sua vivência foi e continua sendo buscada por diferentes religiões, como observou Gauthier (1967, p.14) que ao refletir sobre este tema, afirmou: “(...) foi amplamente estudado por religiosos, sacerdotes, bispos, leigos... Isto, aliás, não é exclusivo ao cristianismo: o budismo, o hinduísmo, o islamismo, o judaísmo têm sentido muito vivo da pobreza como virtude, ou melhor, como bem-aventurança”. Embora Gauthier (1967, p.13,14) perceba que a pobreza é vivenciada por diferentes segmentos religiosos, ele nota a existência de diferentes maneiras de vivê-la:

(...) a pobreza evangélica é bem distinta da budista. Ela não é nem moralista, nem antropocêntrica. É centrada em Jesus (...)

Jesus quis ser pobre e pregou a pobreza não somente como uma libertação espiritual ou moral, mas como uma condição da Encarnação redentora, como a passagem necessária à Bem-aventurada Ressurreição, como a preparação de sua volta.

Se a pobreza ocupa êste lugar no mistério de Cristo, é normal que ela tem lugar também no mistério de Igreja, seu corpo e sua espôsa.

Vemos assim a importância que a pobreza evangélica ocupou na vida de Cristo e por consequência deve também ocupar na vida da Igreja, neste sentido muitos foram os membros desta instituição que passaram a defendê-la e vivê-la e desta maneira passaram a denunciar aqueles que de maneira de sádica se aproveitavam dos mais pobres, entre os que levantaram sua voz em defesa dos mais pobres, podemos destacar São João Crisóstomo, arcebispo de Constantinopla, tido como um dos pais do cristianismo primitivo.

São João Crisóstomo ficou bastante conhecido por sua coragem profética ao anunciar o Reino de Deus e ao denunciar as injustiças que iam de encontro a ele. Em sua missão profética, ele não poupava lideranças políticas, econômicas e até mesmo eclesiásticas e féis que acabaram se distanciando do propósito original do cristianismo. Suas homilias e sermões eram momentos nos quais ele proferia contundentes denúncias à realidade na qual ele e a Igreja de sua época estavam inseridos, o que acabou sem dúvidas despertando a ira de muitos que o ouviam. Em umas de suas homilias ele denunciou a hipocrisia e indiferença daqueles que frequentavam a Igreja, mas fechavam os olhos para os sofrimentos dos pobres que como nos lembra o Evangelista Mateus é o próprio Cristo abandonado (Cf Mt 25, 31-46), assim São João Crisóstomo (1996, p.25) afirma:

Saímos da igreja e contemplamos fileiras de pobre que formam como muralhas de um e de outro lado. E passamos ao largo, sem nos comover, como se víssemos colunas e não corpos humanos. Eu o repito: apertamos os passos como se víssemos estátuas sem alma em lugar de homens que respiram. “É que vamos com fome”, me respondeis. Pois precisamente a fome vos faria persuadir a vos deter, porque, como diz o refrão: barriga cheia desconhece o faminto; só quem passa precisão reconhece a necessidade alheia pela sua própria... Ides correndo para vossa mesa preparada e não agüentais alguns momentos de espera. E o pobre estará ali de pé, até que caia o dia, a ver se assim recolhe o sustento diário.

Muitos outros autores e santos também fizeram de suas vidas um ato de entrega aos mais pobres, somos herdeiros desta tão bonita e necessária tradição. Francisco, assim como o samaritano “viu, sentiu compaixão” (cf. Lucas 10, 33) e por meio de gesto simples e afetuosos humaniza homens e mulheres inviabilizados por um sistema gerador de fome e de morte. A preocupação de Francisco com os mais pobres está presente em seus pronunciamentos, discursos e escritos nos quais constantemente o vemos falar na chamada Igreja dos Pobres. Aquino Júnior (2018, p.30) nos mostra a origem deste termo:

A expressão “Igreja dos pobres” remonta à mensagem do Papa João XXIII ao mundo no dia 11 de setembro de 1962 – um mês antes da abertura do Concílio Vaticano II. Falando de Cristo como luz do mundo e da missão da Igreja de irradiar essa luz em um mundo que “enfrenta graves problemas”, o papa diz que a Igreja tem se voltado para esses problemas e que o concílio “poderá chegar a propostas de solução [...] com base na dignidade do ser humano e com sua vocação cristã”. (....) E, de modo surpreendente e inesperado, apresenta o que qualifica como “outro pronto luminoso”: “Pensando nos países subdesenvolvidos, a Igreja se apresenta e quer ser a Igreja de todos, em particular, a Igreja dos pobres.

Embora a fala de João XXIII acerca da Igreja dos Pobres tenha desempenhando um papel profético, este termo não apareceu nenhuma vez nos documentos conciliares. Contudo, no interior do Concílio por inspiração do Espírito Santo, surgiu um grupo de padres conciliares que estavam atentos aos clamores do povo e começaram ainda na primeira sessão deste concílio a pensar e a se articularem para que a evangelização dos pobres estivesse no centro das discursões conciliares, este grupo ficou conhecido como Grupo da Igreja dos Pobres. O que começou com uma ideia acabou tomando forma e teve ressonâncias nas aulas conciliares, como demonstrou Beozzo (2015, p.12):

O grupo colaborou com suas reflexões e respaldou a corajosa intervenção do cardeal arcebispo de Bolonha, Giacomo Lercaro, quando se iniciou a discussão sobre o esquema da Igreja nos últimos dias da primeira sessão conciliar. Lercaro interveio na Aula Conciliar no dia 6 de dezembro de 1962. Disse que o Concílio necessitava de um princípio unificador e vivificador, e que esse devia consistir no reconhecimento de que “esta era a hora dos pobres, dos milhões de pobres que se encontram por toda a face da terra, esta é a hora do mistério da Igreja, mãe dos pobres, esta é a hora do Cristo, sobretudo no pobre”. Pedia que a problemática da pobreza fosse assumida como tema central e hegemônico do Concílio. Que não fosse um entre os muitos temas já enunciados, mas sim “o único tema de todo o Vaticano II”.

Vemos assim o quanto o Grupo da Igreja dos Pobres impactou profundamente seus membros, cujos anseios iam ao encontro das reflexões e discursões que ocorriam neste grupo composto por pessoas com histórias distintas e vindas das mais diferentes realidades, contudo, percebiam que a Igreja e o Vaticano II não deveriam fechar os olhos para os sofrimentos dos mais pobres e assim fazer da pobreza tema central deste importante evento que modificou a história do cristianismo. Embora o trabalho do grupo da Igreja dos Pobres tenha sido intenso e produzido diferentes frutos, sobretudo em seus membros, suas contribuições ficaram em grande medida às margens do Vaticano II, como observou Brighenti (2016, p.87):

Por razões diversas, o ideal de João XXIII de uma “Igreja pobre e para os pobres” e as contribuições do trabalho do grupo “Igreja dos Pobres”, em grande medida, ficou à margem do Concílio. Esperava-se que entrasse, pelo menos, na Gaudium et Spes, mas na sua gestão foi difícil e de forma ainda prematura teve de ser promulgada no final da Quarta Sessão, sem que a questão dos pobres fosse estruturante do texto.

Mesmo diante deste quadro, o trabalho e esforços do Grupo da Igreja dos Pobres não desapareceu no com encerramento do Concílio, considerando que ao final da 4ª Sessão, mais precisamente no dia 16 de novembro de 1965, cerca de 42 Bispos de diferentes localidades do mundo, celebraram a Eucaristia nas catacumbas de Santa Domitila e lá estes prelados assinaram um pacto que evidenciou o seu comprometimento efetivo com os mais pobres.

Após o Vaticano II, a chamada Igreja dos Pobres foi ganhando forma, sobretudo a partir das Conferências de Medellín (1968) e Puebla (1979) e recentemente reanimada pela Conferência de Aparecida (2007). Estas conferências marcaram o processo de recepção e aplicação e reavivamento do Vaticano II na América Latina e marcaram profundamente Francisco, que foi formado e atuou neste ambiente no qual aprendeu a ser próximo dos que sofrem. Vemos assim, as origens do posicionamento profético de Francisco que o faz criticar e denunciar o atual sistema econômico, responsável por excluir aqueles que não podem arcar pelos benefícios da globalização e assim acabam entrando em uma nova categoria a dos sobrantes, categoria esta que tem aumentado consideravelmente nos últimos tempos. Diante deste cenário desolador o Papa Francisco constantemente nos convida a sermos uma Igreja em Saída e abraçarmos o projeto de uma Igreja pobre e para os pobres.

Devemos assumir a nossa missão de construtores e anunciadores do Reino e da Boa Nova, desta forma é preciso imitarmos o exemplo de Cristo, que por meio do Mistério da Encarnação se fez homem e habitou entre nós, vivendo em uma realidade concreta, com todos os seus desafios, dissabores e alegrias. Assim como Cristo, devemos nos comprometer com os mais frágeis de nossa sociedade, com homens e mulheres que não são notícias, que não são vistos e nem lembrados. Francisco nos ensina quase que diariamente que não podemos nos fechar, é preciso sair e ir ao encontro daqueles que sofrem.

**Referências Bibliográficas**

AQUINO JR, Francisco de. Igreja dos Pobres. São Paulo: Paulinas, 2018.

BEOZZO, José Oscar. Pacto das catacumbas: por uma igreja servidora e pobre / José Oscar Beozzo. – São Paulo : Paulinas, 2015.

BRIGHENTI, Agenor. Em que o Vaticano II mudou a Igreja. São Paulo: Paulinas, 2016.

GAUTHIER, Paul. O concílio e a Igreja dos pobres. São Paulo: Editora Vozes Ltda, 1965.

PASSOS, João Décio. Método teológico. São Paulo: Paulinas, 2018.

SÃO JOÃO CRISÓSTOMO. In: José Ignacio Gonzáles Faus. Vigários de Cristo: os pobres na teologia e na espiritualidade cristãs: antologia comentada. Tradução José Rezende Costa. São Paulo, 1996.

1. Religioso de São Vicente de Paulo. Graduado em História. Pós-graduado em Educação, Diversidade e Cidadania. Graduando em Teologia. [↑](#footnote-ref-1)